



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

**REFLEXÕES ACERCA DA INCLUSÃO DE SURDOS:
ADAPTAÇÕES DA LITERATURA ANTIGA**

Tatiane Militão de Sá¹
Matheus Behm Bayer²

RESUMO: O seguinte trabalho tem como objetivo analisar a atual situação das traduções e adaptações de textos da literatura, em especial os da literatura antiga, na Língua brasileira de sinais - Libras. A base teórica do nosso estudo esta ancorada na adaptação da cultura a comunidade surda, em autores como: Carvalho (2007), Karnopp (2006) e Salles (2004). Foram observadas certas reflexões e experiências acerca do tema, com o objetivo de encontrar sinais de Libras que pudessem tornar essas traduções possíveis ou se essas traduções já existiam. Por fim conclui-se que as seguintes traduções ainda não existem, utilizando sempre o método de datilologia (FELIPE, 2001) para os termos mais complexos, ou em poucos casos, utiliza-se sinais que não constam em dicionários oficiais, tornando as traduções nem sempre tão claras para seu público-alvo, a comunidade surda.

Palavras-Chaves: Literatura visual, História Antiga, Inclusão de surdos.

¹ Docente de Libras I, orientadora do trabalho - UFF

² Discente de Libras I, graduando da UFF



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

1. INTRODUÇÃO

Confesso que antes de começar a cursar Libras na universidade eu jamais havia tido contato com esse tipo de tema de uma forma tão profunda. Assim, uma vez ou outra tive alguma interação com alguém surdo, ou que pude ver sinais em Libras, minhas experiências não foram em nada esclarecedoras. Em muitas ocasiões recebi folhetos com imagens, a tabela das configurações de mãos e não consegui entender o que era aquilo. Letras? Sílabas? Palavras? No fim não era nada disso. Na verdade, apenas configurações, na maioria delas, sozinhas não significam nada mesmo. Elas não me serviam de absolutamente nada sem o devido preparo e instrução, e aquela pessoa que me entregou este folheto provavelmente não entendia nada de nada de Libras.

Na prática isso não deveria ser desta forma. Ao começar a estudar Libras na universidade percebi muitas coisas como aluno de história, nesta disciplina fui esclarecido mais do que muitas das outras matérias que estudei. Quando eu soube o tamanho que a cultura e comunidade surda se projetava eu fui obrigado a pensar onde está isso tudo, que é tão difícil de ver no dia a dia?

Dessa forma, frente à dificuldade de introduzir o surdo na nossa sociedade, vemos os avanços que eles vêm conquistando e damos o caso como encerrado, mas não podemos simplesmente deixá-lo em posição de estrangeiro, cercado por uma população que não fala a sua língua. Há discussões sobre inclusão social em muitos outros casos de deficiências físicas, porém levando ao pé da letra o termo, o surdo ainda está bem longe de ser incluído na sociedade.

Assim, tentei algumas vezes me colocar no lugar de um surdo e imaginar como seria a minha vida. Primeiramente, descartei algumas paixões: Leitura, música e cinema. Eu não consegui imaginar um indivíduo sem ao menos as duas primeiras. Uma identidade, em minha concepção, precisava de ao menos alguma dessas duas coisas para ser formada, para se comunicar ao resto do mundo e se identificar em algum lugar em



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

comum com o resto dele.

Muitas atividades não seriam por vezes possíveis. Não seria possível assistir a missa, ou se confessar ao padre, logo conseqüentemente participar do ato de comunhão. Igrejas onde existem intérpretes ainda são poucas, e em muitos lugares pessoas nem pensam nessa falta. Em escolas, apesar de pôr lei ser obrigatória a presença de intérpretes nas salas de aula para alunos surdos, na prática não acontece de forma tão eficaz. O problema se estende de forma exorbitante em muitas outras convenções sociais e situações, como rótulos de produtos, livros escolares e ingresso no meio profissional.

Aqui tentei conversar com alguns familiares sobre a situação dos surdos na sociedade, e ouvi o que reflete talvez a opinião de muitos: todo surdo também é mudo, eles conseguem ler perfeitamente, eles podem se comunicar escrevendo, é fácil aprender a ler sabendo apenas os símbolos. Não posso culpá-los, pois muito pouco se faz para reverter esta situação no nosso país.

Sobre a questão da escrita na Língua portuguesa, eu entendia que existiam dificuldades óbvias, mas acreditei que fosse questão de tempo e prática. Refletindo melhor durante este período, relacionei a alguém tentando aprender japonês apenas através dos *kanjis*, a escrita iconográfica oriental. Você pode saber o que cada um representa na sua cabeça, mas isso não facilita em nada na hora de reconhecer o termo em uma frase, escrevê-lo e contextualizá-lo. Se para nós, que saberíamos como uma palavra soa para fixá-la é difícil, imagine para quem não escuta nenhum fonema. E ainda pensamos em palavras simples, como: tartaruga que no caso dos *kanji* poderia ser ligado o símbolo a imagem, mas e se a palavra fosse algo que necessita um entendimento abstrato, como: introspecção? Muitos não sabemos nem soletrá-la. Imagine se lembrar o desenho exato de cada *kanji* para milhares de palavras, seus usos e a ordem em que eles são desenhados.

Mesmo com esse pensamento todo, e explicando isso a alguns familiares,



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

percebi que muitos continuaram repetindo: não seria tão difícil aprender a ler, ou o pior, tentando me convencer de que eu estava falando besteira. Não...todo surdo é mudo sim eles insistiram nesta afirmação. É muito difícil para algumas pessoas pensarem de maneira diferente, em outras problemáticas que não as atingem. Mas inconscientemente muitos procuram dizer “este problema não é meu” nas expressões que verificamos descritas acima.

Esse distanciamento da música, leitura e por consequência de muitas outras atividades são os principais motivos, penso, do afastamento do surdo da nossa cultura. Na época em que vivemos o campo das informações está muito ligado ao meio auditivo, e quando do contrário, a boa e velha escrita em Língua portuguesa. Essa forma de interação afasta o surdo do nosso meio.

Pensando as questões sobre cultura surda quase invisível nos dias de hoje, me interessei, como bom curioso do curso de história em procurar saber melhor como essa comunidade surda funcionava no decorrer das eras, mas especificamente pelos lados da história antiga, em parte da sociedade grega, rica em documentação. Primeiramente questionei dois professores de história antiga da universidade e de forma inesperada a reação deles foi exatamente a mesma: 'Surdo?! Os dois não conseguiram se lembrar de absolutamente nada. Nenhuma figura social, religiosa, mitológica. Nem mesmo como personagem de comédias e peças do teatro grego o surdo foi retratado.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Com base nos estudos dos teóricos do campo adaptação de textos literários em literatura surda e uso da língua de sinais para a inclusão surda na História, como Carvalho (2007), Karnopp (2006) e Salles (2004), reafirmo a importância da tradução e



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

adaptações de obras históricas para que estas possam ser conhecidas e propagadas no meio surdo, em especial as obras da antiguidade, estas que contem um valor indispensável. Tornar a comunidade surda conhecedora da literatura antiga clássica, assim como também de outras, é de uma grande importância cultural da humanidade que deve ser preservada sem exceções.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

Pesquisando na internet obtive os mesmos argumentos de sempre em todos os lugares: os surdos eram marginalizados na Grécia, os surdos eram mortos ou deixados para morrer na China e Esparta, não eram considerados cidadãos em Roma, esse tipo de coisa que se imagina que realmente pudesse acontecer. Mas fico pensando se seria mesmo possível generalizar esse tipo de argumento. No Egito antigo por exemplo, os surdos eram venerados e mediadores dos deuses com o faraó (CARVALHO, 2007). Fica muito difícil encontrar informação histórica sobre eles, já que existe pouquíssimo material documental, tendo em vista que os surdos não produziram documentos sobre si mesmo, tão pouco os outros fizeram isso por eles. Se hoje em dia já vemos um reflexo disso, quanto mais na antiguidade.

Pesquisando sobre o deus da medicina grego, Asclépio, cujo santuário estava repleto de pessoas com as mais diversas enfermidades pude observar o que seria talvez um vestígio de população surda autônoma. No culto a este deus, os fiéis curados por ele em seu templo deixavam oferendas como forma de agradecimento: uma escultura da parte do corpo que estava enferma, geralmente junto a um escrito de agradecimento, enaltecendo o deus por seu milagre. Essas oferendas se chamavam ex-votos, e existiam de várias formas como pernas e braços, cabeça, olhos e também orelhas. O fato de existirem ex-votos em forma de orelhas não comprovam a existência de um surdo que



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

procurava cura, ou que estava de alguma forma envolvido na sociedade, mas me faz pensar se quando Aristóteles afirmou que surdos não eram capazes de raciocinar por não possuir língua era consenso na sociedade (CARVALHO, 2007). Muito já se provou para se saber que nem tudo escrito e relatado na antiguidade é regra. Porém ainda hoje parecem pensar como Aristóteles.

4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O surdo na antiguidade não era capaz de participar de rituais, comemorações e festas, política e outras atividades. Quero dizer, ele possuía a capacidade intelectual, porém sem um meio de se comunicar, essas práticas se tornavam inviáveis (CARVALHO, 2007). Conseqüentemente ele se tornava um ‘fardo’ e comumente, indicam pesquisadores que eram marginalizados. Até mesmo me pergunto se eles eram aceitos ao templo do deus Asclépio. Pergunto-me se os sacerdotes não os julgavam incapazes de ouvir os tratamentos e curas revelados através de sonhos pelo deus da medicina grego.

Observo que em um mundo moderno que passou a se preocupar com a salvação e conseqüente catequização de almas é que a causa dos surdos começará a ser mais profundamente explorada, primeiramente visando curá-lo do que tornar a sociedade algo acessível a ele. Hoje em dia muitos ainda pensam desse jeito, pensando que a solução da exclusão do surdo é a cura da surdez.

Hoje em dia, poucos surdos conseguem ingressar em universidades, e essa pequena fração se encaixa no grupo dos surdos que sabem ler. Esse grupo não só possui maior facilidade devido à leitura, mas também através da mesma adquire maior interesse pela vida acadêmica. Como a maioria da população surda tem dificuldade de leitura (SALLES, 2004), seria interessante que alguns títulos fossem traduzidos e/ou



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

adaptados para a língua deles objetivado a produção da literatura visual (Karnopp, 2006), no caso do Brasil, a Libras. Muitas dessas histórias são contos infantis e literatura clássica, piadas e anedotas. Porém pensando em história e o ensino da disciplina para os diversos públicos, deslumbro as dificuldades em traduzir ou adaptar um texto antigo, algum documento histórico, ou até mesmo histórias mitológicas ao público surdo.

Com uma breve pesquisa pude perceber que histórias como ‘A Guerra do Peloponeso’ de Tucídides, ou ‘A Centauromaquia’, não possuem tradução para Libras. Já ‘A Ilíada’ de Homero, um dos textos mais conhecidos clássicos da antiguidade, sucesso até hoje, observei registros nos quais pude encontrar apenas alguns Cantos do texto, e não pude perceber se a tradução era do texto original ou de alguma das muitas adaptações que a Ilíada ganhou ao passar de milênios. Nos vídeos divulgados na internet, um rapaz fazia gestos e sinais mais ‘teatralizados’ enquanto um narrador narrava a cena. Em um dos vídeos percebia-se que existiam sinais para nomes de personagens, como “Aquiles”, “Agamenon” e o deus “Apollo”. Porém, como não consegui acessar nenhum dicionário online de Libras específico, e os poucos que eu consegui, não entendi como utilizar (sinal de que nem sempre a falta de aprendizado de Libras é reflexo de desinteresse) eu não pude concluir se estes sinais eram oficializados de alguma maneira. Não pude também saber se existem outros sinais que seriam importantes para histórias desse cunho, como ‘Tróia’, ‘Zeus’, ‘Pólis’, entre outros termos mais complicados, como ‘Centauro’ para a Centauromaquia. Continuando a pesquisar os sinais em dicionários, entendi de que estes não existiam, sendo utilizado o método de datilografia, uso do alfabeto manual (FELIPE, 2001). Os poucos que aparecem (figuras 1 e 2), como no caso do vídeo não estão expressos em dicionários forma realizados de forma independente.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –



Figura 1: Artista/Interprete fazendo o sinal de "Apollo" em vídeo encontrado na internet. (Youtube; Canal: Rodrigo Augusto Ribeiro)

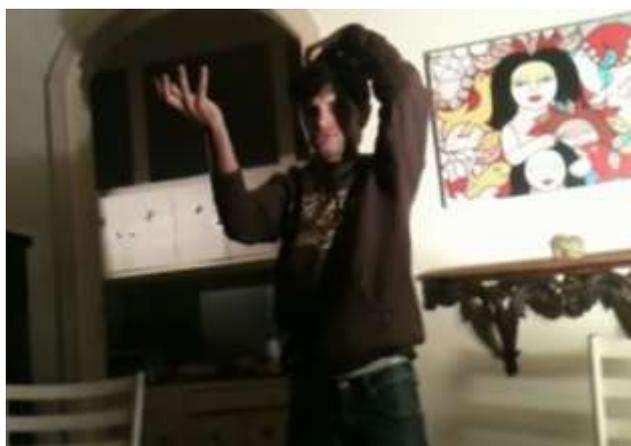


Figura 2: Figura 1: Artista/Interprete fazendo o sinal de "Agamenon" em vídeo encontrado na internet. (Youtube; Canal: Rodrigo Augusto Ribeiro)

De qualquer forma não basta que um sinal exista. O sinal de ‘Apollo’ por exemplo, de nada vale se aquilo não faz um sentido, não transmite uma ideia já subentendida e difundida para literatura visual (KARNOPP, 2006). Pode fazer o



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

comparativo com a tradução de músicas, nas quais a tradução acaba sendo apenas literal, fazendo o sentido ser perdido, já que não existe harmonia em palavras vazias. A tradução de *Ilíada* era realizada com um narrador ao lado, e quando eu escutava o que ele dizia, e via os movimentos do intérprete, pude entender o que ele dizia como mímica e não língua. Esta tradução era adaptada ao público surdo, ou era uma reinterpretação em linguagem corporal realizada para agradar os olhos de um público ouvinte? Os aspectos eram certamente os da língua de sinais, posso ter quase certeza, mas será que para um surdo aquilo faria sentido? Será que com apenas alguns gestos mímicos o artista estaria traduzindo todo o sentido da frase: saia daqui agora se quiser continuar vivo? Será que o surdo entendeu a tradução? No trecho o clamor do sacerdote a Apolo que dizia: faça os gregos pagarem com o choro! Observei o português sinalizado e não Libras quando o interprete realizou os sinais de FAZER, GREGOS, PAGAR e terminando com o sinal de uma lágrima escorrendo pelo olho e canto do rosto. Dramático, poético, artístico? Sim, muito bonito. Mas será que era claro? Claro para um surdo que estivesse assistindo, tentando entender a história de Aquiles e Agamenon que cometendo injúria ao sacerdote de Apolo tiveram seu povo amaldiçoado por doenças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma solução para a tradução e adaptação destes temas que não são tão explorados, como mitologia, história antiga e literatura clássica seria a criação de glossários específicos de Libras, como existem hoje os dicionários temáticos de mitologia, história, religião, entre outros. Porém, em um dicionário de Libras que deve ser completamente visual, pode se tornar difícil criar tantos conceitos, explicar tantas palavras que estão emaranhadas em outros contextos. Em um dicionário que explicasse a palavra 'Zeus', teríamos seu sinal, e claro, precisaríamos de um verbete explicativo.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

Ele seria expresso em Libras através de vídeo e esclarecido como, por exemplo: ‘deus supremo do panteão grego. Deus de todos os deuses, senhor do Monte Olimpo, dos raios e tempestades. Pai de todos os Olímpianos’. Dentro deste verbete, muitas outras palavras que ainda podem ser confundidas estariam inclusas, o que torna uma tarefa muito trabalhosa e árdua a execução de um glossário dessa forma, mas seria o ideal para os surdos.

Assim, haveria sinais para uma tradução e adaptar de história, nas quais deveriam ser trabalhadas ideias de livros em formas de vídeo. Pode parecer uma ideia estranha, mas é muito comum que livros inteiros e extensos estejam disponíveis em forma de *audiobooks*, ou livros em forma de áudio, muitos utilizados por motoristas ou deficientes visuais. Da mesma forma, livros de mais diversos temas poderiam ser passados a comunidade surda através de vídeos. Diferentes interpretes poderiam se dividir e revezar ‘papéis’ como os do narrador, da fala de cada personagem, utilizar artifícios visuais para tornar na medida do possível as histórias mais fiéis e claras aos receptores surdos. Dessa forma, muitas histórias, trabalhos, obras literárias e ideias poderiam chegar aos olhos dos membros desta comunidade, que quem sabe, não começariam desta forma produzir seus próprios livros para a sua comunidade, produzindo uma literatura visual.

Infelizmente o mundo dos que falam Libras e dos que falam português está muito distante. Mais distante que o dos que falam inglês, que morram a um continente de distância, enquanto a Libras está do nosso lado, imperceptível. A consciência de ambos os lados ainda é muito diferente, e a busca por uma compreensão e união, a busca de uma acessibilidade ainda é pequena, fraca. O primeiro passo para a igualdade é identificar as diferenças, e depois disso não exterminá-las, mas aprender um meio de torná-las parte do que é comum, da comunidade. Nós temos muito em comum, mas precisamos nos conhecer melhor.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

6. BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Paulo Vaz ded. História dos Surdos no Mundo. Editora Surd'Universo. (ISBN 978-989-95254-4-1-2). Lisboa 2007.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. *Diário Oficial* [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 79, p. 23, 25 abril 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial* [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 246, p. 28-30, 22 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

KARNOPP, Lodenir B. Literatura surda. *ETD: Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, p. 98-109, 2006. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=6529>

SALLES, Heloísa Maria M. L. [et al.]. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. v2. Brasília: MEC, SEESP, 2004 (Páginas selecionadas 83 - 94). Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lpvol1.pdf

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. Libras em Contexto: curso básico, livro do professor instrutor – Brasília : Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.